

ENTRE TELAS E TROCAS: praxiologias de educação linguística crítica construídas na ação extensionista *Connected Voices in English*

BETWEEN SCREENS AND EXCHANGES: Praxiologies of Critical Language Education Built through the Extension Project Connected Voices in English

VALÉRIA ROSA-DA-SILVA (UEG)¹
 LARISSA MORAIS MOREIRA (UEG)²
 ANDERSON LÔBO SILVEIRA (UEG)³

Resumo:

Este trabalho apresenta a experiência extensionista *Connected Voices in English*, curso online oferecido pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). A proposta pedagógica articulou gêneros discursivos – como filmes, séries, músicas – a uma concepção de língua orientada por práticas translíngues e *English as a Lingua Franca feito no Brasil*. Diante disso, o objetivo deste relato de experiência é discutir de que maneira as aulas temáticas, ancoradas em perspectivas críticas de educação linguística, favoreceram a atribuição de sentidos e a ampliação dos repertórios linguísticos e culturais dos/as participantes. As experiências vivenciadas sugerem que o uso de recursos multimodais aliados a temas críticos não apenas potencializa a aprendizagem, mas também promove deslocamentos epistemológicos, ao valorizar a pluralidade de vozes e práticas discursivas que circulam em contextos reais de uso da língua. Desse modo, a ação extensionista mostra como o ensino de inglês, compreendido como educação linguística, pode se constituir como espaço de reflexão, agência e construção de sentidos, reafirmando o papel social da universidade.

Palavras-chave: Educação linguística crítica. Inglês como língua franca. Extensão universitária. Praxiologias.

Abstract:

This paper presents the extension experience *Connected Voices in English*, an online course offered by the State University of Goiás (UEG). The pedagogical proposal articulated discursive genres—such as films, TV series, and music—with a conception of language oriented by translanguaging practices and *English as a Lingua Franca Feito no Brasil*. In this context, the aim of this experience report is to discuss how thematic classes, grounded in critical perspectives on language education, fostered meaning-making processes and the expansion of participants' linguistic and cultural repertoires. The experiences suggest that the use of multimodal resources combined with critical themes not only enhances learning but

¹ Mestra e Doutora em Estudos Linguísticos. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), coordenadora da ação extensionista *Connected Voices in English*. E-mail: valeria.silva@ueg.br.

² Graduanda em Letras na UEG. Professora da rede particular de ensino, bolsista da ação extensionista *Connected Voices in English*. E-mail: larissa.moreira@aluno.ueg.br

³ Graduando em Letras na UEG. Professor do Centro de Idiomas da UEG, professor colaborador da ação extensionista *Connected Voices in English*. E-mail: lobosilveiraanderson@gmail.com.

also promotes epistemological shifts by valuing the plurality of voices and discursive practices that circulate in real contexts of language use. In this way, the extension initiative illustrates how English teaching, understood as Language Education, can constitute a space for reflection, agency, and meaning-making, reaffirming the social role of the university.

Keywords: Critical language education. English as a lingua franca. University extension. Praxiologies.

Língua é vida, é o que faz a gente viver, é por meio da língua que a gente constrói as nossas identidades [...] se língua é o que nos constrói e é o que constrói esse mundo, então do que a gente tem que falar em sala de aula? [...] Acho que a gente tem que falar da vida, tem que falar da gente.

Rosane Pessoa

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Partir da compreensão de que língua é vida, implica, necessariamente, repensar *o que ensinamos, como ensinamos e, sobretudo, para que ensinamos uma língua*. Ao afirmar que é por meio da língua que construímos identidades e mundos, Rosane Pessoa⁴ (Pessoa; Borelli, 2021, online), em uma roda de conversa promovida no evento DELA (Decolonialidade e Linguística Aplicada), nos convoca a deslocar o ensino de línguas de abordagens que privilegiam conteúdos descontextualizados para perspectivas que tomam a vida, as experiências e as pessoas como ponto de partida. Nesse horizonte, a sala de aula – presencial ou mediada por telas – deixa de ser um espaço de mera transmissão de estruturas linguísticas e passa a se constituir como um lugar de encontro, escuta e produção de sentidos.

No campo da educação linguística, especialmente no contexto brasileiro, esse deslocamento ganha contornos políticos e éticos relevantes. O ensino de língua inglesa, historicamente associado a discursos de neutralidade, progresso e mobilidade social (Jorge, 2009), frequentemente opera por meio de modelos normativos que silenciam repertórios locais e produzem sentimentos de inadequação em estudantes e professores/as. Ao adotar uma concepção de língua orientada pelo uso e pela experiência, a educação linguística crítica

⁴ Neste texto, optamos por apresentar o primeiro e o último nome dos/as autores/as na primeira vez em que são mencionados/as. Tal escolha não é meramente formal, mas expressa um posicionamento ético-epistemológico que comprehende a pesquisa como prática corporificada e situada. Ao nomear de forma mais completa, buscamos reconhecer que o conhecimento não é produzido por vozes abstratas, mas por sujeitos históricos, atravessados por trajetórias, afetos e lugares de enunciação. Essa opção dialoga com perspectivas críticas de produção do conhecimento, que recusam a neutralização das autorias e afirmam a dimensão encarnada da pesquisa.

propõe um deslocamento das lógicas normativas que historicamente regulam o ensino de línguas, ao mesmo tempo em que afirma a legitimidade dos sentidos produzidos por sujeitos em interação, em contextos reais e plurais de uso da língua

É nesse movimento que se insere a ação extensionista *Connected Voices in English*, curso online realizado aos sábados pela manhã, cujo objetivo foi criar um espaço formativo em que o inglês pudesse ser vivido como experiência, e não apenas aprendido como conteúdo. Desenvolvido no primeiro semestre de 2025, o curso contou com carga horária total de 20 horas e com a participação ativa de cerca de 50 participantes, oriundos de Inhumas e de outras cidades dos estados de Goiás, Maranhão, Minas Gerais e Paraná. O curso integra um projeto de extensão mais amplo, o *Coletivo EscolaUniversidade (CEU): por uma educação linguística otherwise*, coordenado pela primeira autora deste trabalho e ofertado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Inhumas. O projeto tem como propósito fortalecer as relações entre a universidade e a escola pública de educação básica, por meio de práticas educativas críticas, dialógicas e socialmente situadas. A proposta pedagógica do *Connected Voices in English* partiu de aulas temáticas que mobilizaram gêneros do cotidiano – como músicas, imagens, vídeos, narrativas pessoais e produções multimodais – articulados a temas socialmente relevantes, tais como identidade, rotina, desigualdade, estereótipos e contrastes entre mundos. Nessas práticas, o inglês foi compreendido como língua em uso, atravessada por repertórios plurais e por práticas translíngues (Canagarajah, 2013), em consonância com perspectivas de *English as a Lingua Franca (ELF)* feito no Brasil (Duboc; Soqueira, 2020; Jordão, 2023).

Ao assumir que temos que falar da vida nas aulas de língua, o *Connected Voices in English* buscou favorecer processos de atribuição de sentidos, nos quais os/as participantes pudessem mobilizar suas próprias histórias, afetos e experiências para construir sentidos em inglês. Assim, aprender a língua passou a significar também refletir sobre si, sobre o/a outro/a e sobre o mundo, deslocando concepções reducionistas de aprendizagem e abrindo espaço para a agência e a autoria dos/as participantes.

Diante disso, o objetivo deste relato de experiência é discutir de que maneira as aulas temáticas desenvolvidas no âmbito dessa ação extensionista, ancoradas em perspectivas críticas de educação linguística (Pessoa; Silvestre; Monte Mór, 2018; Rosa-da-Silva, 2021),

favoreceram a ampliação dos repertórios linguísticos e culturais dos/as participantes e promoveram deslocamentos epistemológicos sobre língua, aprendizagem e identidade. Além disso, ao discutir os percursos didáticos (Sabota, 2024) construídos ao longo do curso, buscamos evidenciar como a extensão universitária pode se constituir como espaço potente para a construção de praxiologias (Freitas; Avelar, 2021), reafirmando o papel social da universidade na construção de propostas formativas comprometidas com a vida, com as pessoas e com a pluralidade de vozes.

Para tanto, além desta parte introdutória e das considerações finais, este texto está organizado em duas seções: 1) Praxiologias em Educação Linguística Crítica e praxiologias: fundamentos para uma atuação situada e 2) Entre temas e sentidos: percursos didáticos do *Connected Voices in English*.

PRAXILOGIAS EM EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA CRÍTICA E PRAXILOGIAS: FUNDAMENTOS PARA UMA ATUAÇÃO SITUADA

A educação linguística crítica tem se afirmado, no contexto brasileiro, como um campo de reflexão e de ação que desloca o ensino de línguas de abordagens tecnicistas e estruturalistas para uma compreensão ampliada da linguagem como prática social (Pessoa; Silvestre; Monte Mór, 2018). Nessa perspectiva, a língua deixa de ser concebida como um sistema neutro e transparente e passa a ser entendida como um espaço de disputa simbólica, atravessado por relações de poder, ideologias e historicidades. Compreendida dessa forma, conforme Rosane Pessoa, Kleber Silva e Carla Freitas (2021), a educação linguística crítica se ancora em uma concepção dialógica de conhecimento, segundo a qual ensinar e aprender constituem processos compartilhados, nos quais pessoas e materialidades se afetam mutuamente. O caráter crítico dessa proposta manifesta-se na problematização das desigualdades que marcam a vida social, na análise das normas hegemônicas e dos processos históricos que as sustentam, bem como na reflexão sobre os limites do próprio conhecimento e sobre a construção de futuros socialmente mais justos, orientados por princípios éticos (Pessoa; Silva; Freitas, 2021).

Assumir essa perspectiva implica, necessariamente, repensar o papel do/a professor/a de línguas e as finalidades do ensino. Valéria Rosa-da-Silva (2021) reforça esse entendimento

ao destacar que a educação linguística crítica demanda um reposicionamento ontológico e epistemológico do/a docente, que deixa de atuar como mero transmissor de normas linguísticas para assumir-se como mediador/a de processos de significação. Trata-se de uma postura que exige consciência do próprio lócus de enunciação e das implicações políticas das escolhas pedagógicas, bem como o reconhecimento da legitimidade dos repertórios linguísticos dos/as estudantes, ainda que esses não se alinhem a modelos hegemônicos de língua. Criar condições para que tais repertórios sejam mobilizados, ampliados e ressignificados em práticas situadas passa a ser, assim, parte constitutiva do trabalho docente.

Nessa mesma direção, se insere o caráter educativo do ensino de línguas, que, conforme Miriam Jorge (2009), vai além do mero desenvolvimento de habilidades linguísticas. Para a autora, educar por meio de uma língua implica favorecer processos de ampliação da consciência dos/as estudantes acerca da diversidade que constitui o mundo e das múltiplas formas de existir nele. Nesse sentido, o ensino de inglês assume um caráter formativo quando possibilita ao/à aprendiz refletir criticamente sobre diferentes culturas e identidades, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada de si mesmo/a, tanto em relação ao seu contexto local quanto às dinâmicas do contexto global.

A distinção entre ensinar uma língua e educar por meio dela é aprofundada por Daniel Ferraz (2018), ao evidenciar que o ensino da língua inglesa, mesmo em contextos contemporâneos, frequentemente se restringe à transmissão de conhecimentos linguísticos por meio de métodos e metodologias que privilegiam o desenvolvimento de habilidades. Como aponta o autor, ensinar uma língua significa “passar o conhecimento linguístico por meio de metodologias e métodos, os quais, materializados no livro didático, buscam principalmente a excelência linguística por meio do desenvolvimento de habilidades (ou o que a BNCC chamou de competências)” (Ferraz, 2018, p. 107). Em contraposição, o autor argumenta que educar em língua inglesa implica revisitar esse ensinar, considerando os novos papéis que as línguas assumem em diferentes contextos sociais, especialmente aqueles atravessados pela intensificação das tecnologias digitais e pelas transformações nas formas de interação. Essa perspectiva demanda refletir sobre os repertórios necessários para a construção de currículos e práticas pedagógicas epistemologicamente situados, abertos à transdisciplinaridade e

comprometidos com a produção de conhecimentos e com o desenvolvimento da criticidade dos/as estudantes (Ferraz, 2018).

Essas reflexões dialogam diretamente com a concepção de que “língua é uma prática, algo que se faz, e não um objeto que se possui” (Jordão; Rosa-da-Silva, 2023, p. 197). Nesse sentido, concordamos com as autoras e preferimos pensar em “linguajar”, pois esse termo desloca o foco da língua como sistema abstrato para as ações das pessoas em interação. Pensar em “linguajar” implica compreender a língua como atividade situada, construída no uso, atravessada por histórias, afetos e dinâmicas de dominação e negociação social. Trata-se de uma perspectiva que enfatiza o caráter processual e relacional da língua/linguagem, entendida como prática social por meio da qual as pessoas constroem e atribuem sentidos em seus encontros cotidianos, em contextos concretos de uso (Jordão; Rosa-da-Silva, 2023).

Compreender a língua como prática implica reconhecer que seus usos são constantemente atravessados por relações de poder, mas também por resistências e ressignificações. Nesse sentido, fazer educação linguística crítica envolve problematizar os usos legitimados das línguas e as hierarquias que deles decorrem. Como argumenta Mariana Mastrella-de-Andrade (2018, p. 153), “fazer educação linguística crítica é também isto: mostrar que as línguas que imperam podem ser (e constantemente são!) ressignificadas a partir da apropriação delas por aqueles/as que as aprendem e as usam para seus próprios interesses e fins”, isto é, reconhecer que, mesmo diante de imposições históricas e normativas, as pessoas produzem resistências e ressignificações no uso das línguas. Nessa perspectiva, a educação linguística crítica implica problematizar os usos legitimados das línguas que tendem a excluir determinadas identidades, bem como questionar as relações históricas, culturais e sociais que sustentam essas hierarquias e definem “quem tem poder legítimo de uso sobre as línguas e excluindo ou estigmatizando os/as demais” (Mastrella-de-Andrade, 2018, p. 153).

Nesse cenário, a educação linguística crítica se configura também como uma escolha ética e política. Como sintetizam Rosane Pessoa e Julma Borelli (2011, p. 10), nós, professoras/es de línguas, podemos “escolher entre ensinar apenas língua ou educar para a vida; entre abordagem de conteúdos triviais, como a previsão do tempo, ou temas que possam contribuir para a construção de um mundo menos desigual”. No *Connected Voices in English*,

nós, autoras e autor deste texto, optamos pela segunda possibilidade, orientando nossas aulas a partir de temas socialmente relevantes e de práticas que compreendemos como praxiologias.

Nesse sentido, nos inspiramos na compreensão de Carla Freitas e Michelly Avelar (2021, p. 93), para quem praxiologias são

a leitura daquilo que fazemos, imbuída do que somos e pensamos: as nossas escolhas como professoras estão cheias de nós e refletem o que pensamos, o que e como fazemos; também, são construídas pela nossa cultura e pelos elementos que a constituem, como nossa percepção do mundo, do lugar onde vivemos e de onde viemos, dos valores, das experiências.

No âmbito de nossa ação extensionista, essa compreensão de praxiologias orientou a construção de todo o percurso formativo do curso. As escolhas pedagógicas realizadas – desde a seleção dos temas até os gêneros mobilizados e os modos de participação propostos – foram atravessadas por nossas trajetórias como professoras/es, por nossas concepções de língua e por uma postura ética e política comprometida com a educação linguística crítica. As praxiologias do curso materializaram-se, assim, em aulas temáticas que articularam gêneros do cotidiano, como músicas, imagens, vídeos, narrativas pessoais e produções multimodais, a discussões sobre identidade, cotidiano, desigualdades sociais e representações do mundo.

Ao privilegiar práticas que valorizam a pluralidade de sentidos e a circulação de diferentes vozes, o *Connected Voices in English* constituiu-se como um espaço no qual língua, corpo, afetividade, território se entrelaçaram em processos de construção de sentidos. Nesses encontros mediados por telas, os/as participantes foram convidados/as a mobilizar seus repertórios linguísticos e culturais para significar em inglês, reconhecendo-se como pessoas que fazem uso da língua em ação. Nessa perspectiva, compreendemos a língua não como um objeto estático a ser possuído, mas como uma atividade social em constante movimento, produzida no uso e nas interações (Jordão; Rosa-da-Silva, 2023). Essa compreensão implica “deslocar para o centro das atenções as pessoas que existem em língua(gens)”, enfatizando as práticas de significação que constroem sentidos no cotidiano. Assim, o foco do curso foram “os seres que linguajeiam” (Jordão; Rosa-da-Silva, 2023, p. 197).

A seguir, discutimos três percursos didáticos do curso, explicitando os temas amplos que orientaram as aulas e as práticas desenvolvidas em cada um deles.

ENTRE TEMAS E SENTIDOS: PERCURSOS DIDÁTICOS DO *CONNECTED VOICES IN ENGLISH*

A proposta pedagógica do *Connected Voices in English* foi concebida a partir de uma compreensão de língua orientada por princípios da educação linguística crítica, articulados a noções de perspectivas translíngues (Canagarajah, 2013) e de *English as a Lingua Franca* (ELF) feito no Brasil (Duboc; Soqueira, 2020; Jordão, 2023). Tal concepção parte do entendimento de que a língua inglesa não deve ser ensinada como um sistema normativo a ser reproduzido, mas como prática social situada, atravessada por usos locais, por repertórios plurais e por processos de negociação de sentidos em contextos reais de interação.

Nessa direção, as práticas desenvolvidas no curso se alinham à compreensão de que, em práticas translíngues, aspectos estruturais da língua – como forma, gramática e sistema – não são abandonados, mas ressignificados e reconfigurados a partir das interações, conforme destaca Suresh Canagarajah (2013). Assim, a gramática deixou de ocupar um lugar central e prescritivo para emergir de forma situada, a serviço da produção de sentidos, em consonância com uma perspectiva que privilegia o uso significativo da língua em detrimento da adequação a modelos normativos idealizados.

Nesse sentido, a organização das aulas do *Connected Voices in English* não se deu a partir de uma sequência linear de conteúdos linguísticos, mas do desenho intencional de percursos didáticos orientados pela construção de sentidos em interação. Essa compreensão se aproxima da noção de percurso didático proposta por Barbra Sabota (2024), que o concebe como um processo de composição de aulas voltado para o acolhimento, a problematização e a (re)construção de sentidos. Nas palavras da autora, o percurso didático se refere ao

desenho de eventos semióticos protagonizados pelas pessoas que os vivenciam a partir de seus atravessamentos identitários subjetivos (cor, raça, sexo, identidade de gênero, composição corporal, classe social, idade e tantos outros), elaborado para que leituras da palavraramundo favoreçam a construção dialógica de sentidos (Sabota, 2024, p. 9).

O quadro a seguir ilustra três percursos didáticos do curso, organizados em torno de temas que possibilitaram o engajamento dos/as participantes em práticas de significação ancoradas em suas experiências de vida, em seus contextos socioculturais e em seus repertórios linguísticos.

Figura 1: Quadro Percursos didáticos

Percorso didático	Assuntos e temáticas desenvolvidos	Gêneros e aspectos linguísticos mobilizados
<i>Getting to know you</i>	Apresentação pessoal; narrativas autobiográficas; histórias de vida; trajetórias linguísticas; identidade; pertencimento; afetos; repertórios culturais.	Apresentações orais e escritas; músicas; narrativas pessoais; atividades no Mentimeter; vocabulário de identidade; likes and dislikes; verb to be; simple present em uso situado.
<i>Language awareness</i>	Reflexão sobre língua(gem); repertórios linguísticos; hierarquias entre línguas; translinguagem; language portraits; língua, corpo e memória.	Retratos linguísticos; textos reflexivos; países e nacionalidades; descrições visuais; multimodalidade; vocabulário metalinguístico; construção de Padlet; foco em inteligibilidade.
<i>Connecting and contrasting wor(l)ds and people</i>	Contrastes sociais e culturais; desigualdades; estereótipos; cotidiano; trabalho; representações midiáticas.	Imagens contrastivas (Ugur Gallen); músicas com temáticas sociais; vídeos multimodais; comparação e contraste; adjetivos; simple present; conectores discursivos.

Fonte: Elaborado pelos/as autores/as.

Nesses percursos, gêneros do cotidiano, como músicas, imagens, vídeos, narrativas pessoais, produções visuais, foram mobilizados como disparadores de reflexão crítica e de uso da língua inglesa para *meaning-making*, e não para a emulação do falante nativo (Jordão, 2023). Essa orientação dialoga com a proposta de ELF feito no Brasil, que desloca o foco da proficiência entendida como aproximação a uma norma hegemônica para a noção de inteligibilidade, entendida como negociação de sentidos em contextos específicos de uso (Duboc; Soqueira, 2020; Jordão, 2023).

No percurso didático *Getting to know you*, por exemplo, as atividades de apresentação pessoal, as narrativas autobiográficas e o trabalho com músicas favoreceram a mobilização de repertórios linguísticos híbridos, permitindo que os/as participantes se posicionassem como sujeitos legítimos de linguagem. O inglês foi utilizado como meio para falar de si, de suas histórias e de seus afetos, o que contribuiu para deslocar concepções deficitárias de aprendizagem e para reforçar a ideia de que aprender uma língua envolve construir sentidos a partir da própria vida.

O percurso *Language awareness* aprofundou essas reflexões ao problematizar concepções de língua, repertórios e hierarquias linguísticas. A atividade de *language portraits* tornou visíveis as múltiplas línguas, variedades e modos de expressão que compõem as trajetórias dos/as participantes, reforçando uma perspectiva translíngue segundo a qual as línguas estão sempre em contato e em relação. Nesse contexto, a consciência linguística foi trabalhada não como metalinguagem normativa, mas como reflexão crítica sobre usos, valores e sentidos atribuídos às línguas em diferentes espaços sociais.

Já o percurso *Connecting and contrasting wor(l)ds and people* ampliou o escopo das discussões para temas socialmente relevantes, como desigualdades, estereótipos, cotidiano, trabalho e representações midiáticas. A partir de músicas, imagens contrastivas e produções multimodais, os/as participantes utilizaram o inglês para analisar, comparar e problematizar realidades distintas, exercitando estratégias discursivas de contraste, argumentação e posicionamento crítico. Nesse percurso, a língua inglesa foi vivenciada como prática social, por meio da qual os/as participantes produziram leituras críticas do mundo.

Assim, os percursos didáticos sugerem que o *Connected Voices in English* se sustentou em uma compreensão de língua como experiência vivida, constituída nos encontros, nas trajetórias e nos repertórios dos/as participantes, e de ensino como espaço de construção coletiva de sentidos. Ao mobilizar gêneros do cotidiano, noções de práticas translíngues e temas críticos, o curso aponta para possibilidades de ensino de inglês comprometidas com a pluralidade de vozes, com os usos situados da língua e com praxiologias formativas no âmbito da extensão universitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou discutir de que maneira aulas temáticas, ancoradas em perspectivas críticas de educação linguística, podem contribuir para a atribuição de sentidos e para a ampliação dos repertórios linguísticos e culturais de participantes em contextos de ensino de inglês. A experiência extensionista *Connected Voices in English* sugere que compreender a língua como prática social – ou, nos termos aqui adotados, como linguajar – implica reconhecê-la como experiência vivida, construída nos encontros, nas interações e nas formas de significar o mundo. Nessa perspectiva, a língua deixa de ser concebida como um

conjunto de normas a serem reproduzidas ou como um instrumento funcional de comunicação e passa a ser entendida como espaço de produção de sentidos, de constituição de identidades e de negociação de mundos possíveis.

Ao articular educação linguística crítica, noções de práticas translíngues e de ELF feito no Brasil, o curso reafirmou o inglês como espaço de produção de sentidos e de construção de significados, e não como modelo linguístico a ser reproduzido. Nesse movimento, aspectos estruturais da língua foram ressignificados a partir das práticas, emergindo das necessidades de interação e dos objetivos comunicativos dos/as participantes, em consonância com seus repertórios e experiências de vida.

As práticas desenvolvidas ao longo do curso reforçam o papel das aulas temáticas como praxiologias, isto é, como ações pedagógicas atravessadas por escolhas éticas, políticas e epistemológicas. Ao mobilizar gêneros do cotidiano e recursos multimodais, o *Connected Voices in English* constituiu-se como um espaço de escuta, diálogo e agência, no qual diferentes vozes puderam circular e ser legitimadas, mesmo em encontros mediados por telas.

Como nos lembra Pessoa (Pessoa; Borelli, 2021), na epígrafe, se língua é vida e se é por meio dela que construímos identidades e mundos, então faz sentido que falemos da vida em sala de aula. Entre telas e trocas, o *Connected Voices in English* apostou no encontro, na partilha e na construção coletiva de sentidos, reafirmando o papel da extensão universitária como espaço de educação linguística comprometida com as pessoas, com suas histórias e com futuros mais plurais.

REFERÊNCIAS

CANAGARAJAH, Suresh. Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations. New York: Routledge, 2013.

DUBOC, Ana Paula Martinez; SIQUEIRA, Sávio. ‘ELF feito no Brasil’: Expanding theoretical notions, reframing educational policies. *Status Quaestionis: Language, Text, Culture*, v. 19, p. 297-331, 2020. <https://doi.org/10.13133/2239-1983/17135>.

FERRAZ, Daniel de Mello. Educação linguística e transdisciplinaridade. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria (org.). Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 103-117.

FREITAS, Carla Conti de; AVELAR, Michely Gomes. Letramento do e no mundo digital: multiletramentos na formação de professores de línguas. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de. (org.). *Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica*. São Paulo: Pá de Palavra, 2021. p. 91-108.

JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de. (org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009. p. 161-168.

JORDÃO, Clarissa Menezes. A case for ELF feito no Brasil. *ELT Journal*, v. 77, n. 3, 2023, p. 348-356. <https://doi.org/10.1093/elt/ccad006>.

JORDÃO, Clarissa Menezes; ROSA-DA-SILVA, Valéria. Retratos linguísticos e concepções de língua(gem): implicações na práxis docente. In: JORDÃO, Clarissa Menezes; FRAGUAS, Marcela Martins de Melo; OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa de; ROSA-DA-SILVA, Valéria. (org). *Insurgências decoloniais na linguística aplicada: estudos e experiências*. Curitiba: CRV, 2023. p. 193-200.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana R. Ser crítica: uma história (sempre) incompleta. In: PESSOA, Rosane, R.; SILVESTRE, Viviane, P. V.; MONTE MÓR, Walkyria. (org.) *Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professores/as universitários/as de inglês*. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 149-162.

PESSOA, Rosane Rocha; BORELLI, Julma Dalva Vilarinho Pereira. (org.). *Reflexão e crítica na formação de professores de língua estrangeira*. Goiânia: Editora UFG, 2011.

PESSOA, Rosane Rocha; BORELLI, Julma Dalva Vilarinho Pereira. Colonialidadesdecolonialidades de Torto Arado problematizadas na educação linguística crítica. Palestra proferida no Ciclo 2 do Evento Decolonialidade e Linguística Aplicada (DELA). 2021. on-line. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=miirnLkZgpY&t=4s&ab_channel=P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3oemLetrasUFPR. Acesso em: 12 nov. 2025.

PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de. Praxiologias do Brasil Central: floradas de educação linguística crítica. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de. (org.). *Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica*. São Paulo: Pá de Palavra, 2021. p. 15-24.

PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria. (org.). *Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês*. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

ROSA-DA-SILVA, Valéria. Movimentos decoloniais no estágio de língua inglesa: sentidos outros coconstruídos nas vivências em uma escola pública. 262f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.



SABOTA, Barbra. *The roads we take*: o percurso didático como proposta para construir aulas de inglês por caminhos crítico-decoloniais. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, 2024.